

Cid Seixas e Adriano Eysen
(Org.)

ORPHEU EM PESSOA



Simpósio Internacional 100 anos da revista *Orpheu*:
Fernando Pessoa e as Poéticas da Modernidade

ORPHEU EM PESSOA

O centenário da revista *Orpheu* permitiu-nos visitar, neste ano de 2015, a história de uma publicação de apenas dois números, formada por jovens rapazes. Não obstante a sua brevidade, *Orpheu*, fez com que a literatura escrita em português, e nomeadamente a poesia portuguesa, não mais voltasse a ser a mesma.

Essa e outras questões, sobre uma geração que teve como centro constelar o poeta Fernando Pessoa, são tratadas neste livro que é uma reunião de alguns trabalhos apresentados ao SIMPÓSIO INTERNACIONAL 100 ANOS DA REVISTA *ORPHEU*: FERNANDO PESSOA E AS POÉTICAS DA MODERNIDADE.

São ao todo dez autores que apresentam diferentes enfoques dos temas abordados.

A lírica da ausência em Álvaro de Campos e Mário de Sá Carneiro

Adriano Eysen

Universidade Estadual da Bahia

Os poemas de Fernando Pessoa (1888-1935) e Mário de Sá-Carneiro (1890-1916) são marcados pela incompreensão da própria existência e pela incompatibilidade com a vida. Nessa perspectiva, intrinsecamente contraditórios e impotentes, eles traçam seu itinerário por caminhos labirínticos e, assim, constroem a sua poesia, moldando-a com o tênue fio de refinadas metáforas em que se amalgamam sonhos e experiências desassossegadas.

Notadamente, são escritores que, cúmplices na amizade, nos ideais e na arte, construíram uma lírica pejada de tédio e solidão, transitando entre a vida e a morte, entre a lucidez e a desrazão, num mal-estar que resulta numa poética em que os eus aparecem fragmentados e dispersos em meio ao cenário da urbe das primeiras décadas do século XX.

No autor de *Mensagem* (1934), o rico universo heteronímico¹, ao mesmo tempo que fascina, causa

¹ Destacando-se dos poetas da geração órfica, ainda envolvidos por uma aura na turalista-amorosa, Fernando Pessoa cria seu primeiro heterônimo, Chevalier de Pás, aos seis anos de idade. Aos sete, ele escreve seu poema inaugural: uma quadra intitulada “A minha querida Mamã”.

estranhamento e inquietude ao leitor, pois dele emana um conjunto diverso de sensações e reflexões sobre o mundo e sua complexidade. Do imaginário mítico, pagão e cético do escritor, originam-se personalidades distintas, heterônimos que, como pontua Eduardo Lourenço (1999, p. 162), “representam uma tentativa desesperada de se instalar na realidade, de se confundir com ela”.

Dos três principais avatares da heteronímia pessoana, Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis, elegemos o autor de “Tabacaria” (1928), a fim de refletirmos, em estudo comparativo com Mário de Sá-Carneiro, a respeito da lírica da ausência na constituição do eu na obra de ambos os poetas, cujos versos testemunham “a crise da razão do homem na modernidade”², verdadeira experiência poética em que se vivencia a consciência da instabilidade, do vazio, do apelo à solidão e à morte. Efetivamente, o vocábulo ausência, oriundo da palavra latina *absentia*, significa falta, afastamento, incompletude. Vale frisar que no *Dicionário de Filosofia*, de Nicola Abbagnano, o verbete da palavra em discussão está relacionado diretamente ao termo nada, que aparece inúmeras vezes nos versos de Álvaro de Campos e Mário de Sá-Carneiro.

Nesse contexto, entendemos por lírica da ausência a poesia fundada na experiência da angústia do ser-nomundo, da sensação da falta, do vazio e da permanente

² Segundo Jacques Le Goff (2003, p. 194), em *História e memória*, “o termo ‘modernidade’ foi lançado por Baudelaire no artigo *Le peintre la vie moderne* publicado em 1863.

relação com a morte. Daí, emerge a potencialidade da escrita numa tentativa inquieta de preencher e/ou recuperar, pela linguagem poética, as diversas perdas ao longo das travessias do poeta. Com efeito, é no corpo insólito da escrita literária, no seu interdito, que, continuamente, se abre a possibilidade de se elucidar a existência humana e sua complexidade. Tentativa frustrada, uma vez que o poeta depara-se sempre com a crise da razão, a falta de ser, e com a existência de “ser para morte”, (re)iniciando o movimento da escrita literária que, com a máscara da linguagem poética, faz com que o poeta mergulhe no reduto das sereias numa busca dilaceradora e ambígua pela compreensão de si mesmo, do outro e do mundo.

Desse modo, elegemos, como elemento primordial deste estudo, o que parece uma falta de ser numa poética da ausência em que a busca vertiginosa de si mesmo, o desencontrar-se na vida, a impossibilidade de se adaptar ao real e a incompreensão da própria existência são *leitmotifs* substanciais da criação poética.

A FALTA DE SER ENQUANTO LINGUAGEM POÉTICA

No conjunto da obra de Álvaro de Campos, constitui-se uma trajetória³ que vai do Decadentismo, de in-

³ Convém recordar que Teresa Rita Lopes (1997, p. 07), na edição crítica intitulada *Álvaro de Campos Livro de Versos*, especifica quatro fases na poesia do heterônimo: “O poeta Decadente (1913-1914)”, “O Engenheiro Sensacionista (1914-1923)”, “O Engenheiro Metafísico (1923-1930)” e “O Engenheiro Aposentado (1931-1935)”. Nesse

fluência simbolista, culminando no Futurismo, momento de uma linguagem vibrátil, de exaltação ao mundo moderno, do avanço tecnológico e do crescimento da cidade, adentrando, por fim, numa fase niilista, de profundo intimismo, na qual o cansaço e a náusea o levam a uma identificação com o Pessoa ortônimo, obcecado numa busca que o conduz ao nada e a lugar nenhum. Distinto de Alberto Caiero, seu mestre, e de Ricardo Reis, o poeta de “Ode Marítima”⁴, projeta um eu retorcido e em permanente dualidade, incapaz de saber quem é e o que é. Em verso, ele diz: “Quando olho para mim não me percebo” (2007, p. 301).

relevante trabalho, que contou com a colaboração de Manuela Parreira da Silva e Luísa Medeiros, Rita Lopes pode lançar uma nova luz sob a vida e a obra de Campos apresentando ao leitor os poemas inéditos, bem como uma minuciosa análise (“intervencções cirúrgicas, variantes e colagens”), relacionados à obra poética editada anteriormente. A investigadora (1997, p. 22-3), com mais de trinta anos de convivência com o espólio pessoano, chama atenção na introdução do livro, “A crítica da edição crítica”, para os “maus tratos sofridos em anteriores edições”. Ela se refere aos “erros provenientes de uma leitura defeituosa dos textos de Pessoa, as omissões abusivas, as gralhas sucessivamente introduzidas pelos seus editores [...] à fixação das *variantes do autor*: palavra(s) que Pessoa indicava por cima, por baixo, à margem, entre parêntesis, mas sem riscar a(s) palavra(s) assim posta(s) em causa”. Com efeito, a autora aponta ainda casos que modificam a interpretação, por exemplo, de um determinado poema. Nesse contexto, importa sublinhar que todos os poemas do engenheiro naval, utilizados neste trabalho, foram extraídos da exímia edição crítica mencionada acima.

⁴Este poema foi publicado pela primeira vez na *Revista Orpheu*, n.º 2, em junho de 1915. O texto, além de retratar o salto na aventura marítima, traz também um saudosismo em relação à infância.

Em Campos, o estar no mundo causa contínuo estranhamento, visto que existir é uma fatalidade e ser poeta não é uma “ambição, mas uma forma de estar sozinho”. Ciente de que o homem é um ser para morte, como assevera Heidegger (2011, p. 328), Álvaro de Campos parece externalizar em seus poemas gestos revoltosos marcados por uma irritabilidade neurastênica. Segundo Ricardo Reis (2007, p. 298), em *Nota Preliminar*, os poemas do engenheiro são “um extravasar de emoção. A idéia serve a emoção, não a domina [...]”. De fato, a emotividade lírica desencadeia-se num jogo de tensão que se estabelece em poemas predominantemente longos, métricas irregulares e ritmos apressados como quem necessita expor o eu. Carlos Felipe Moisés (2005, p. 95), ao escrever sobre o heterônimo engenheiro, registra que “o poeta moderno não se ilude, nem ilude ao leitor, fingindo estar diante de um universo organizado e coeso; o poeta moderno sabe que muito da realidade à nossa volta é caótico e sem sentido, as coisas não se encaixam como poderiam ou deveriam encaixar-se”.

Enquanto Ricardo Reis encontra-se envolto por uma razão aos moldes clássicos, distanciado e nobre, Álvaro de Campos dá continuidade ao teatro do fingimento, pois seus versos testemunham a incapacidade de ser: “Não sou nada. / Nunca serei nada / Não posso querer ser nada [...]” (1997, *Tabacaria*, p. 235). Precisamente, o escritor das *Odes* elege como centro nevrálgico da sua poesia a indagação a respeito da constituição do seu ser e da relação homem x mundo. Este estado perturbador o põe em duelo consigo mesmo, visto que seu

vazio subjetivo é racionalizado à condição humana e, sobretudo, a uma individualidade marcadamente ambígua. Contrário a Reis, há no poeta de “Aniversário” (1929) a consciência tortuosa de que nunca será um conciliador, nem tampouco estará munido da razão, porque o que predomina é uma insatisfação criadora.

Lúcido e louco⁵, o que parece ser antagônico, Campos encena a sua permanente sensação de inexistência, tornando-a *leitmotiv* da sua criação poética. Ele se vê doente, fatigado pelo alarido da cidade e pela desumanização de si mesmo e do outro. A imagem do sujeito implosivo e temperamental, mas de acuidade inigualável, torna o engenheiro naval a ficção representativa de um *alter ego* pessoano em que predominam as contradições e a procura contínua por um eu impossibilitado de conhecer a si mesmo, pois está sempre a se multifacetar em tantos outros. Eis o que nos fala:

*Fiz de mim o que não soube,
E o que podia fazer de mim não o fiz.
O dominó que vesti era errado.
Conheceram-me logo por quem não era
[e não desmenti, e perdi-me.
Quando quis tirar a máscara,
Estava pegada à cara.*

(CAMPOS, 1997, Tabacaria, p. 238).

⁵ Num texto, datado de 20/10/1931, Campos (2012, p. 60) declara: “Não consegui nunca ser inteiramente desconexo. Delirar, sim, mas com juízo”.

Certamente, em Mário de Sá-Carneiro, a consciência da instabilidade fixou-se em um único eu, de modo que a impossibilidade de efetivamente ser inquietou-o na arte e na vida fazendo da sua obra fragmentos de uma confissão do eu profundo curvado sobre si mesmo:

*Miragem roxa de nimbado encanto –
Sinto os meus olhos a volver-se em espaço!
Alastro, venço, chego e ultrapasso.
Sou labirinto, sou licorne e acanto!*

(SÁ-CARNEIRO, 1995, p. 245).

Em Sá-Carneiro, segundo Fernando Cabral Martins (1997, p. 169), “a ideia deixa de ser inteligência ou razão, para se tornar a própria reverberação do mundo interior”. Assim, numa travessia também labiríntica, fadado ao insucesso, consagrou-se autor de uma obra poética pequena, constituída por doze poemas de *Dispensão* (1914), trinta e duas composições do livro póstumo, *Indícios de Ouro*, cujos inéditos ficaram sob os cuidados de Fernando Pessoa, além dos derradeiros oito textos em verso, produzidos entre 1915 e 1916 e agrupados, pelo amigo, sob o título de *Últimos Poemas*.

São muitos os poemas em que Mário de Sá-Carneiro se afasta da vida exterior, insatisfeito com uma existência impossível de ser entendida e que só se faz suportável por meio da poesia. Realidade que o leva a se refugiar em sucessivas divagações, pois, como registra Cleonice Berardinelli (1974, p. 13), o poeta

ficou a meio caminho entre o que era e o que aspirava a ser: a ponte já seria qualquer coisa de intermédio, mas chegaria ao Outro; o poeta, não: é o pilar, o quase, como ele mesmo disse, ou o entre, como diria Álvaro de Campos. Nem deu pela sua vida real, nem conseguiu dar realidade à vida que sonhou.

Por diversas vezes, lucidez e dispersão se entrelaçam numa poética na qual a conflituosa sensação de impotência diante do real se estabelece como força motriz da criação. Assim, o cotidiano do mundo exterior configura-se como um abismo sobre o qual o poeta tem a consciência finita de desconhecer o fim. Na fortuna poética de Mário de Sá-Carneiro há, em demasia, um eu lírico cansado e encoberto por uma sensação de desconforto e incapacidade de existir, só restando-lhe a procura de um mundo inatingível. Desse modo, o que resta é um espírito sem repouso transportando o fardo da existência, além de sentir um abismo aberto sob seus pés. Vejamos estes versos iniciais do poema “Escavação” (1995, p. 57):

*Numa ânsia de ter alguma cousa,
Divago por mim mesmo a procurar,
Desço-me todo, em vão, sem nada achar,
E a minha alma perdida não repousa.*

Detentor de uma lírica que só será entendida duas décadas mais tarde, o autor de *A Confissão de Lúcio* (1913), semelhante a Álvaro de Campos, carrega uma contínua crise de personalidade. A presença marcante da falta, do tempo indomável, que se esvai sucessiva-

mente, dos fragmentos de si mesmo e do medo da ausência projetam um poeta de caminhadas desconexas, nas quais vida e morte se entrelaçam num jogo sinuoso de sensações de nulidade da própria existência. Em última carta a Fernando Pessoa, em 18 de abril de 1916, Mário de Sá-Carneiro (2004, p. 381) diz em palavras apressadas:

Unicamente para comunicar consigo, meu querido Fernando Pessoa. Escreva-me muito – de joelhos lhe suplico. Não sei nada, nada, nada. Só o meu egoísmo me podia salvar. Mas tenho tanto medo da ausência. Depois – para tudo perder, não valia a pena tanto escoucear.

Doido! Doido! Doido! Tenha muita pena de mim. E no fundo tanta cambalhota. E vexames. Que fiz do meu pobre Orgulho? [...].

Em diversos poemas, o poeta revela-se um inadaptado à vida e se lança a um jogo sinistro de autonegação e destruição. Tênuo fio que entrelaça genialidade e irrealização faz-se forte e perpassa, como fibra comunicante, uma obra que nasce madura.

Ao transitar antagonicamente na vida, o autor debate-se consigo, estreitando ainda mais o elo com a imaginação que, sob diversas formas, busca o equilíbrio em permanente desequilíbrio. Nessa perspectiva, a escrita patenteia-se como um meio de luta; uma forma que o poeta encontra para presentificar sua própria existência. Daí, escrever é imergir num movimento no qual não há fim, pois em sua dinâmica não existe superação.

Numa atmosfera permanentemente imagística, o poeta, consciente ou não, forja seu ser sob a potência do devaneio criativo. Convém acentuar que, conforme nos ensina Gaston Bachelard (2001, p. 05), “é pela intencionalidade da imaginação poética que a alma do poeta encontra abertura consciencial de toda verdadeira poesia”.

Numa carta de 21 de janeiro de 1913, Mário de Sá-Carneiro diz ser

curiosa esta função do cérebro-escritor. De tudo quanto em si descobre e pensa faz novelas ou poesias. Mais feliz que os outros para quem as horas de meditação sobre si próprio são horas perdidas. Para nós, elas são ganhas. Menos nobre só. O desperdício é nobre. O interesse vil. E o artista é mais interesseiro do que o judeu. Tudo – cenários, pensamentos, dores, alegrias – se lhe transforma em matéria de arte!...

Decerto, Sá-Carneiro e Fernando Pessoa-Campos trazem as tensões da vida cotidiana para o espaço da obra numa tentativa de (re)significar o mundo com intuito de torná-lo mais suportável. No tecido dos seus poemas, cruzam-se dores, angústias, tédios e incertezas que se revelam elementos fulcrais de uma lírica oriunda da impossibilidade de encontrar a própria unidade do ser no exercício da escrita. Entretanto, é possível que o poeta recupere-se através do fazer poético?

A ESCRITA E A (RE)INVENÇÃO DO SER-POETA

Nesse contexto, quando não basta existir no fulcro do real, o escritor nota que, de algum lugar, o processo da escrita surge com uma força imperiosa. Com efeito, a vida é reinventada em gestos moldurados pela necessidade visceral de escrever para se manter vivo frente a si mesmo e ao outro. A propósito, Maurice Blanchot (2011, p. 60-1) sublinha que

escrever não é nesse momento um apelo, a expectativa de uma graça ou um obscuro cumprimento profético, mas algo mais simples e premente, de um modo mais imediato: a esperança de não sucumbir ou, mais exatamente, de soçobrar mais depressa do que ele próprio e, assim, recuperar-se no último momento.

Entrelaça-se aqui o movimento da escrita de dois poetas que, com suas fraquezas humanas e totalmente envolvidos pela atmosfera da solidão criativa, tentam no jogo ambíguo da escrita recuperar perdas, preencher o vazio e a falta-de-ser. Aqui, firma-se, em meio ao abandono e à fragilidade humana do escritor, um caminho indecifrável da fala poética. Assim, escrever é condenar-se à solidão num permanente anseio de justificar a própria existência. Dessa maneira, o processo de escrita parece ser um modo de estabelecer-se vivo e comunicante numa sociedade fadada à desumanização.

Notadamente, a escrita literária e, aqui, em específico, a poesia é uma (re)invenção permanente de significantes, é linguagem que eleva os sentidos e desordena

o real para lhe ofertar uma nova maneira de ser sob a ambiência de uma vida caótica. Disso, resulta uma dinâmica da escrita que está aquém e além do dizível e do palpável, pois a obra literária nasce do amálgama de experiências oriundas do intelecto e dos sentimentos humanos. Em especial, assistimos a um permanente estado de assombros e maravilhamentos que se cruzam no percurso do poeta no mundo real e num outro mundo.

É preciso reconhecer que o poeta pertence a ambas as esferas num contínuo deslocamento, sempre a atravessar a via da incerteza. Para tanto, só há uma forma de transitar na vida sem ser banido dela definitivamente. Eis que a escrita é a direção mais profunda do ser-poeta, todas as coisas se direcionam para ela, todas as energias concentram-se nesse jogo de uma poética comunicante numa luta frenética com o sentir, o pensar e o fazer literário. Nesse sentido, cumpre frisar que escrever é uma luta cíclica num trânsito em que a ausência, a perda, a morte, o tédio, a angústia e a falta são forças negativas que potencializam a ação criadora.

Negatividades que, em Mário de Sá-Carneiro, suscitam uma voz pejada de dores e incertezas:

*Olho em volta de mim. Todos possuem –
Um afeto, um sorriso ou um abraço.
Só para mim as ânsias se diluem
E não possuo mesmo quando enlaço.
[...]
Quero sentir-me. Não sei... perco-me todo...*

*Não posso afeiçoar-me nem ser eu:
Falta-me egoísmo pra ascender ao céu,
Falta-me unção pra me afundar no lodo.
(1995, Como eu não possuo, p. 67).*

As duas primeiras quadras de “Como eu não posso” anunciam um sujeito lírico movido pelo sentimento da falta. Dessa maneira, o insucesso consigo mesmo e com o outro traz à baila um estado de isolamento frente à impossibilidade de socialização. Ao longo do poema, as palavras “não”, “nunca”, “ninguém” e “nem” molduram uma atmosfera cujo objetivo fulcral é sublinhar a fatalidade do poeta imerso numa ambiência na qual o seu ser encontra-se estilhaçado.

Náufrago de si mesmo, o poeta observa-se e, num tênue jogo entre o mundo interior e exterior, angustia-se ao notar que nada tem. De certo, deslocado e impotente, dói saber que “Todos possuem – / Um afeto, um sorriso ou um abraço”. Assim, patenteia-se um indivíduo banido do mundo real e fadado a um estado extremo de isolamento. Nesse contexto, o poeta revela-se um inadaptado, transitando na contramão da vida.

Em consórcio com a atmosfera forjada nos versos do autor de *Princípio*, Álvaro de Campos (re)escreve à sua maneira a dispersão do seu eu. No conjunto da obra do autor de “Opiário”, figura também uma busca desencontrada de si mesmo. Com efeito, as sensações se multiplicam em direção a uma zona de desconforto e insucesso. Daí, as reflexões existenciais perfilam um comportamento repleto de tensões oriundas de uma vida tumultuada.

Nessa perspectiva, em “Sonetos de Álvaro de Campos” (1997, p. 68), o voltar-se para o mundo interior é uma tentativa frustrada de recuperar a unidade perdida. Certamente, por isso, a escrita tangencia a possibilidade de significar a identidade do poeta, extraviada no decurso da sua caminhada:

*Quando olho para mim não me percebo.
Tenho tanto a mania de sentir
Que me extravio às vezes ao saber
Das próprias sensações que eu recebo.*

*O ar que respiro, este licôr que bebo
Pertencem ao meu modo de existir,
E eu nunca sei como hei-de concluir
As sensações que a meu pesar concebo.*

No corpo do poema, a linguagem parece saber-se incapaz de superar a ambiência negativa. Entretanto, é por meio dos jogos sinestésicos, do fluxo ambíguo da negatividade que o poeta arquiteta a teatralidade do estar no mundo. Assim, a única forma de tornar a vida suportável é dar vazão às máscaras e ao fingimento na textura da escrita poética. Aqui, pensamentos e sensações, realidade e ficção deslizam na força rítmica dos versos inaugurando o lugar da incerteza de um eu a deambular no labirinto do seu próprio mundo interior. Não obstante as dificuldades da escrita, é no intervalo do sentir e do pensar, do ser e não ser que o poeta forja a possibilidade de dar sentido a uma existência há muito dilacerada.

Em Mário de Sá-Carneiro e em Álvaro de Campos, o olhar evoca o mundo interior, deixando vir a intimidade, que só se sustenta na linguagem poética. Desse modo, escrever é uma forma de (re)inventar-se, de fundar uma esperança em meio ao abandono de si mesmo. Por conseguinte, a escrita reúne solidão, dor, incerteza, perda, ausência, morte e angústia, reconhecendo-as como potencialidades líricas.

Notadamente, escrever é uma forma de habitar o mundo para reinventá-lo na esperança de nomear o próprio ser-poeta. Eis que se estabelece, portanto, um exercício de superação; uma busca pelo equilíbrio em contínuo desequilíbrio. Nesse sentido, somente a criação possibilita ao artista conviver com a negatividade do eu, pois é a respeito disso que fala sua *arspoetica*. Eis o movimento de uma escrita que não descansa, uma vez que ela é entrega, abandono e revelação.

Em especial, os poemas dos dois autores portugueses falam, sobretudo, de perdas e frustrações, num tom lírico que revela a linguagem não como fuga, mas como espaço possível de inscrever na vida trajetórias de dois eus que se (re)inventam sucessivamente ao evocar a linguagem poética.

Cansado de estar no mundo, o poeta tem consciência de que, como já dissera Nietzsche, o “homem é difícil de descobrir, sobretudo quando trata de descobrir a si mesmo. O espírito mente muitas vezes a respeito da alma”⁶. Notamos que, tanto em o autor de *Dispersão*,

⁶ Ver, em *Passagem para o poético*, de Benedito Nunes, o capítulo “Analítica do Dasein” (1992).

como em Campos, as emoções transubstanciam-se em humor e sarcasmo, pois nada resta a não ser a frustração de não compreender o ser. Mas o que é o sentido do ser? Para Emmanuel Carneiro Leão, no Posfácio da obra *Ser e Tempo* de Heidegger (2011, p. 551):

Sempre procuramos responder esta pergunta dando uma definição direta e cabal do ser; sempre nos esforçamos por apreender-lhe o sentido dentro de uma determinação imediata e exaustiva de seu uso e de sua significação. Mas todas estas tentativas e esforços terminam num fracasso. Por isso, tentamos sempre de novo, buscando caminhos indiretos através da filosofia, da ciência, da arte e da religião, ou mediante as ordens do conhecimento com seus modelos, da ação com seus padrões e do sentimento com suas vivências. E fracassamos de novo. É que o ser não somente não pode ser definido, como também nunca se deixa determinar em seu sentido por outra coisa nem com outra coisa.

Entre um mundo de possibilidades e impossibilidades, de ser e não ser, o eu lírico da poética de Álvaro de Campos e de Mário de Sá-Carneiro parece incorporar uma busca inquisitiva cuja essência reside numa ausência de respostas, num jogo entre o real e o irreal em que só se pode prosseguir por meio da arte poética, onde a palavra reinventa sentidos e (re)constrói mundos. A pergunta é um buscar: Sou o quê? Para Jean-Paul Sartre (1997, p. 129), esta indagação é testemunha de “um ser que não é seu próprio fundamento, um ser que, enquanto ser, poderia ser outro que não o que é, na medida em que não explica seu ser [...]”.

Nessa perspectiva, restam aos poetas a nadificação das coisas e uma alma a deambular no entre-lugar da própria existência, pois incertezas e melancolias pejam

a caminhada desses escritores dramáticos e entregues às sinestesias do estar no mundo, o que desencadeia um comportamento sôfrego e desassossegado. Condição real que coloca esses eus irrequietos num estado de deslocamento em meio à vida, um perder-se que prossegue sem fim, postergando-se e anulando-se sem repouso.

Em suma, oriundos da *falta de ser*, da incompletude, precários e multifacetados pela solidão, eles só são capazes de falar pela linguagem literária, pois para o poeta o mundo e a condição humana, como existem, não bastam.

Mário de Sá-Carneiro e Álvaro de Campos são em profundidade dois autores que se inscrevem na instabilidade de ser poeta em meio à atmosfera da vida moderna. Em permanente incongruência consigo mesmo e com o outro, os dois escritores lançam-se no solo caudal das sensações sem nenhuma perspectiva para o futuro. Assim, a falta de ser fixa-se na experiência antagônica de ser e estar entre o tudo e o nada.

Por conseguinte, a falta de ser apresenta-se como uma condição poética pela qual se revelam as marcas da incompletude. Num jogo movido pela ausência das mínimas coisas, os poetas transsubstanciam, num processo escritural, os sentimentos de impotência face às experiências cotidianas. É válido acentuar que, aqui, a linguagem poética imprime-se como fulcro de uma tentativa sempre frustrada pelo preenchimento do vazio. Na verdade, o que ocorre é o tenso movimento de insaciabilidade de dois eus, cada um à sua maneira, imersos na desarmônica ambiência do mundo.

À GUIA DE UMA CONCLUSÃO

Em diálogo com a lírica e a prosa de Álvaro de Campos e Sá-Carneiro, verificamos os assombros que ambos os poetas tinham pela condição do ser humano e seu estar no mundo, fustigados por forças contrárias e atuantes em pleno século XX. Nesse ponto, tanto o autor de *Dispersão* como Pessoa-Campos revelam o complexo papel que a negatividade exerce no conjunto das suas obras. São poetas que, apesar de escreverem de formas distintas, acentuam uma ausência capaz de ser suportada somente no corpo híbrido da linguagem poética.

Destarte, a poesia de ambos os escritores originam-se da condição de dois sujeitos distintamente envolvidos pela ambiência incerta da modernidade. Assim, imersos na dinâmica do tempo (*Kronos*) das cidades em progresso, Mário de Sá-Carneiro e Álvaro de Campos imprimem em seus versos as condições existenciais do próprio ser humano. Este que, segundo Ernest Cassirer (1994, p.17) “está em constante busca de si mesmo”: uma criatura apta a escrutinar a complexidade da sua própria existência. Nesse contexto, a escrita de Sá-Carneiro e Campos originam-se da desassossegada experiência do “ser-no-mundo”, para usarmos uma expressão heideggeriana.

Desse modo, numa estrutura de realização individual e fortemente subjetiva, cada poeta vai vivenciando os dissabores da angústia, do mal-estar e de uma falta permanente. Aqui, revelam-se fontes negativas geradoras da escrita em contínuo trânsito, ou seja, é da sensação de vazio e da impossibilidade de superação de si

mesmo que Mário de Sá-Carneiro e Pessoa-Álvaro de Campos põem em movimento a imaginação criativa. Nesses termos, a fragilidade e a desrealização fundam o estado de falta de ser desses poetas. Em ambos, especialmente, figuram o peso da perda e da incompletude, anunciando uma vida de desenganos e desesperanças. Eis que anseios, sonhos e frustrações dão origem à dor transformada em linguagem poética.

Importa chamarmos a atenção para o jogo metapoético forjado no interior da poesia do engenheiro naval e de Sá-Carneiro. Efetivamente, há em seus versos a marcante preocupação em realçar a alquimia do fazer literário proveniente de uma negatividade como núcleo primordial da (re)constituição do eu lírico que ganha amplitude no tecido verbal do poema. Efetivamente, o poeta elege a linguagem como morada do ser, porque, como pontua Benedito Nunes (1999, p. 118), “ela é o limite, o limiar de toda experiência e, conseqüentemente, também da arte cujo produzir-se requer a prévia situação de intercurso verbal”. Nesse aspecto, Mário de Sá-Carneiro e o heterônimo pessoano, retomando a tradição da lírica moderna, edificam a poesia como lugar no qual acontece a(s) verdade(s) do ser.

Assim sendo, é no fluir da linguagem poética que esses dois poetas (re)criam o(s) eu(s) portador(es) de um olhar negativo sobre si e sobre o mundo. É daí que vem a potência impulsionadora da criação capaz de reunir, paradoxalmente, vida e morte, de forma que, na experiência do metapoeta, Sá-Carneiro e Fernando Pessoa-Campos buscam um caminho de inserção do ser

no mundo. Entretanto, resta-lhes a contínua sensação de deslocamento face à impossibilidade de reconciliação consigo mesmo e com o outro.

Nesse ponto, podemos inferir que, na poesia do autor de *Indícios de Ouro*, moldura-se um eu narcísico imerso no seu interior para dele não mais voltar. Desse modo, o espírito egótico de Mário de Sá-Carneiro extrapola a razão, entregando-se ao excesso das suas sensações e ideais. Por outro lado, o engenheiro naval explode para fora em intensos espasmos e revoltas como quem escreve “rangendo os dentes”.

Diferentemente de Sá-Carneiro, Álvaro de Campos rompe com os paradigmas da versificação clássica a fim de fundar uma lírica subversiva, arrogante, indisciplinada e escrita numa linguagem quase sempre coloquial. Com efeito, o poeta de “Tabacaria” acentua no corpo da sua escrita uma metaformose aparentemente oculta, mas que se revela, gradativamente, conforme classificou Teresa Rita Lopes (1997), no engenheiro decadente, sensacionista, metafísico e aposentado. No entanto, apesar do método didático adotado pela pesquisadora pessoana, é válido sublinhar que, em se tratando de Campos, essas categorias por vezes se entrelaçam no núcleo da sua obra. Dessa maneira, não podemos perder de vista, por exemplo, que há laivos decadentistas e sensacionistas no último ciclo do poeta: “Há quanto tempo não escrevo um soneto/ Mas não importa: escrevo este agora. / Sonetos são infância e, nesta hora, / A minha infância é só um ponto preto, [...]” (Retorno ao lar, 1997, p. 349).

No fundo, o mais relevante é notar que se estabelece uma interface entre essas fases da poética de Álvaro de Campos, dando vazão a uma obra pejada por um desejo de absoluto e de liberdade. Nesse contexto, moldura-se um eu mergulhado nas suas sensações e pensamentos para transitar no mundo interior e exterior, ao tempo que Mário de Sá-Carneiro arquiteta seu próprio labirinto para dele não mais sair. Em sua poesia são acentuadas as inconsistências semânticas e os devaneios, frutos de uma imaginação potencializada pelo desejo de evasão do cotidiano caótico e hostil, donde o poeta parte, como declara Fernando Cabral Martins (1997, p. 194), “para o ‘irreal’, para o continente do sonho, da fantasia, do delírio [...]”.

Em suma, não tivemos a pretensão, no decurso deste estudo, de abraçar a totalidade de dois universos veementes e de ampla complexidade. No entanto, esforçamo-nos para percorrer o itinerário e escutar o diálogo de duas almas irmãs e cúmplices nas suas ambições literárias e nos seus voos pelo interior da linguagem, numa tentativa incansável de (re)escrever a vida.

Portanto, empenhamo-nos a fim de fazer das nossas reflexões um convite ao leitor para percorrer o labirinto da poesia desses autores capazes de criar a partir da falta de ser, do vazio, do espaço aberto para a (re)invenção do mundo. Em especial, estas leituras críticas são tentativas de libar e decifrar os enigmas de duas escritas que renovam em profundidade a Literatura Portuguesa.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

AGAMBEN, Giorgio. *A linguagem e a morte: um seminário sobre o lugar da negatividade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

BACHELARD, Gaston. *A Poética do Devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Este 6º volume da Coleção Oficina do Livro, denominado *Orpheu em Pessoa*, reúne alguns trabalhos apresentados ao Simpósio Internacional 100 Anos da Revista *Orpheu*: Fernando Pessoa e as Poéticas da Modernidade, realizado no mês de junho de 2015.

O leitor deste livro virtual terá a feliz oportunidade de ter acesso a dez artigos dos seguintes autores brasileiros e estrangeiros:

Jerónimo Pizarro,
Adriano Eysen,
Manuela Parreira
da Silva,
Sandro Ornellas,
Audemaro Goulart,
Alana El Fahl,
Luiz Antonio Valverde,
Tércia Costa Valverde,
Cid Seixas
e Lélia Parreira Duarte.

ORPHEU EM PESSOA

Cid Seixas e Adriano Eysen
organizaram este volume a partir
dos trabalhos apresentados ao
Simpósio Internacional 100 anos da Revista *Orpheu*:
Fernando Pessoa e as Poéticas da Modernidade.

Com este livro,
mais um grupo de estudiosos
brasileiros e estrangeiros
integra-se ao esforço reazidado
no processo de consolidação
da Editora Universitária do Livro Digital,
empreendimento destinado a oferecer
à comunidade publicações de real valor
e acesso inteiramente gratuito.

Um trabalho com o selo de qualidade

e-book.br